

FICHA TÉCNICA

Título original: *Tchéstnie vor, Iolka i Svadba, Málenki Guerói, Netótchka Nexvánova*

Autor: *Fiódor Dostoiévski*

Tradução © Editorial Presença, Lisboa, 2006

Tradução do russo: *Nina Guerra e Filipe Guerra*

Composição, impressão e acabamento: *Multiitipo — Artes Gráficas, Lda.*

1.^a edição, Lisboa, Agosto, 2006

2.^a edição revista, Lisboa, Março, 2022

Depósito legal n.º 245 226/06

Reservados todos os direitos
desta edição à

EDITORIAL PRESENÇA

Estrada das Palmeiras, 59

Queluz de Baixo

2730-132 Barcarena

info@presenca.pt

www.presenca.pt

O LADRÃO HONESTO E OUTRAS HISTÓRIAS

ÍNDICE

Nota Prévia	9
O LADRÃO HONESTO	
Dos cadernos de um desconhecido	11
UMA FESTA COM ÁRVORE DE NATAL E UM CASAMENTO	
Dos cadernos de um desconhecido	27
O PEQUENO HERÓI	
De umas memórias inéditas	34
NÉTOTCHKA NEZVÁNOVA	66

NOTA PRÉVIA

Esta colectânea de contos e novelas inclui quatro obras de Fiódor Dostoiévski escritas ou publicadas entre 1848 e 1849. «O ladrão honesto», publicado pela primeira vez na revista literária Otetchestvennie zapíski («Cadernos Nacionais»), desdobrado em dois contos, foi modificado em 1860 para um só conto em que Dostoiévski introduz a figura do narrador, tão típica em muitas das suas obras ulteriores e servindo-lhe para «objectivar» ao máximo a história e para se introduzir a si mesmo dentro dela. Neste conto, porém, o narrador é ainda um participante activo da história, com características minuciosamente definidas. Já no conto «Árvore de Natal...» (1848), o narrador se aproxima do repórter ou cronista de Os Irmãos Karamázov ou Os Demónios: personagem criada para narrar ou registar os acontecimentos em vez do autor. Mais uma característica curiosa destes dois contos: em ambos aparecem, ou são mencionados de passagem, personagens de obras anteriores — Gente Pobre e «Coração Fraco» — urdindo-se desta forma uma história ampliada em que se completam as linhas de vida e as características dos heróis. «Nétotchka Nezvánovna» (1849) estava para ser um romance (ficou inacabado) em que, durante os dois anos em que trabalhou nele, Dostoiévski depositava grandes esperanças, e que devia ter três partes: «A infância», «A vida nova» e «O segredo». Porém, em Abril de 1849, Dostoiévski foi preso por participar no círculo revolucionário de Mikhail Petrachévski, e o trabalho nesta obra foi interrompido. Posteriormente, em 1860, Dostoiévski introduziu no texto grandes modificações, transformando o começo do romance num conto sobre a infância e a adolescência da heroína. «O Pequeno Herói» foi escrito no Verão de 1841 na cela solitária da Fortaleza de Pedro e Paulo. A imagem da criança neste conto é tratada de maneira muito diferente da que o escritor tinha habitualmente para descrever as crianças: como pequenas criaturas sufreadoras, privadas de infância, como viva acusação a uma sociedade

desumana. Neste conto, porém, a criança dá uma imagem clara e harmoniosa da sua idade feliz, desenvolvendo a sua capacidade de compreender a beleza da natureza e do rosto humano, sentindo as primeiras centelhas do amor. Trata-se de uma figura quase romântica, criada sob a influência de Friedrich Schiller, cuja obra, para o Dostoiévski dos anos de 1840, encarnava o heroísmo dos sentimentos humanos e o ideal do belo e do sublime.

O LADRÃO HONESTO

Dos cadernos de um desconhecido

Um dia de manhã, já estava eu de saída para a repartição quando entrou Agrafena, a minha cozinheira, lavandeira e despenseira, e, para meu espanto, encetou uma conversa comigo.

Até então ela sempre fora uma mulher simples e taciturna, de maneira que, para além das duas palavras quotidianas sobre o que eu queria para o almoço, não dissera praticamente mais nada durante seis anos. Pelo menos, eu não a ouvi dizer mais nada.

— Queria dizer-lhe, meu senhor... — começou de repente. — Não quer alugar o cubículo?

— Qual cubículo?

— Ao lado da cozinha. Bem sabe qual.

— Porquê?

— Porquê! Porque toda a gente subaluga. Bem sabe porquê.

— Mas quem é que vai querer aquilo?

— Quem? Um inquilino. Bem sabe quem.

— Mas ali, mãezinha, nem se pode pôr uma cama, não cabe. Quem é que pode viver ali?

— Mas porque havia de viver ali? Basta ter onde dormir; ora, para fazer a sua vida... fá-la no peitoril da janela.

— Qual janela?

— Bem sabe qual, ou será que não sabe? A janela do vestíbulo. Para fazer as coisas, costurar ou assim, senta-se no peitoril da janela. Ou na cadeira. E também há lá uma mesa, há lá tudo, no vestíbulo.

— Mas quem é ele?

— Um homem bom, experiente. Eu cozinheiro para ele. E pelo alojamento e comida levo-lhe três rublos de prata por mês...

Depois de muitos esforços, fiquei finalmente a saber que um qualquer homem de idade arranjava maneira de convencer Agrafena a deixá-lo viver na cozinha, como inquilino ou comensal. Pois bem, o que passasse pela cabeça de Agrafena tinha de ser feito, de outro modo ela não me deixaria em paz. Nos casos em que alguma coisa não era do seu agrado, Agrafena tornava-se pensativa, caía numa profunda melancolia e era capaz de se manter neste estado duas ou três semanas. Durante estes períodos, a comida era mal cozinhada, havia roupa perdida, o chão não era lavado, enfim, as desgraças eram muitas. Eu reparara havia muito que esta mulher taciturna era incapaz de tomar de *motu proprio* uma decisão, de se afirmar com uma ideia que fosse pessoal, dela. Porém, se se formava no seu fraco cérebro, por puro acaso, qualquer coisa parecida com uma ideia, com uma empresa a cumprir, recusar-lhe a sua realização seria como assassiná-la moralmente durante algum tempo. Por isso, como eu prezava acima de tudo o meu próprio sossego, dei-lhe de imediato o meu consentimento.

— Ele tem, pelo menos, um documento qualquer, um passaporte, sei lá?

— É claro! Bem sabe que tem. É um bom homem, experiente; prometeu pagar três rublos.

Logo no dia seguinte, apareceu no meu modesto apartamento de solteiro o tal inquilino. A sua entrada na minha casa não me causava desgosto algum, no fundo até estava contente. De uma maneira geral vivo isolado, como um eremita. Quase não tenho conhecidos; raramente saio. Depois de dez anos desta vida, habituei-me à solidão, é claro. Além disso, mais dez anos ou até quinze a viver assim, na mesma solidão, com a mesma Agrafena, na mesma casa de solteiro era sem dúvida uma perspectiva bastante cinzenta! Assim, um homem sossegado ao nosso lado, nesta situação, é uma dádiva dos céus!

Agrafena não mentira: o meu inquilino era um homem com grande experiência da vida. De acordo com o seu passaporte, era um soldado na reserva, o que percebi à primeira vista, pela cara, sem precisar de olhar para o passaporte dele. Era fácil de adivinhar que Astáfi Ivánovitch, meu primeiro inquilino, era um soldado, e dos bons. Vivia-se bem com ele. Mas o melhor de tudo era que Astáfi Ivánovitch sabia falar, contava belas histórias sobre a sua vida. Na minha existência sempre enfadonha, um narrador destes era um achado. Uma das histórias que, uma ocasião, ele me contou, impressionou-me sobremaneira. A causa de ele me ter contado essa história foi o incidente que passo a relatar.

Eu estava sozinho em casa, Agrafena e Astáfi Ivánovitch tinham saído, para tratarem cada qual da sua vida. De repente, estando eu na segunda

sala, ouvi que alguém entrava, provavelmente um estranho; fui ver: de facto estava um desconhecido no vestíbulo, um indivíduo de pequena estatura, apenas de sobrecasaca, apesar de o tempo outonal ir frio.

— O que queres?

— O funcionário Aleksândrov mora aqui?

— Não há aqui ninguém com esse nome; adeus.

— Mas o guarda-portão disse-me que era aqui — disse-me o visitante, retirando-se cuidadosamente para a porta.

— Fora daqui, amigo, desaparece.

No dia seguinte, depois do almoço, quando Astáfi Ivánovitch experimentava em mim a sobrecasaca que estava a remodelar, entrou de novo alguém no vestíbulo. Entreabri a porta.

Vi o indivíduo do dia anterior a pegar com toda a calma no meu *bekes*¹ forrado a pele, a metê-lo debaixo do braço e a fugir; Agrafena olhava para ele de boca aberta de espanto e não fez mais nada para salvar o *bekes*. Astáfi Ivánovitch correu em perseguição do gatuno e, uns dez minutos depois, voltou, ofegante e de mãos vazias. O homem tinha desaparecido!

— Pronto, Astáfi Ivánovitch, é um azar. Ainda bem que não levou o capote, senão deixava-nos na miséria, o malandro!

Mas Astáfi Ivánovitch ficou tão abalado com o caso que eu, olhando para ele, até deixei de me preocupar com o roubo. Não havia meio de o homem se acalmar. Abandonava a cada momento o trabalho que tinha em mãos, recomeçava a contar como tudo acontecera, a dois passos, debaixo do nariz dele, como tinha sido possível deixar levar aquele rico *bekes* e nem sequer apanhar o ladrão. Depois sentava-se de novo a trabalhar; depois voltava a largar tudo, até que, finalmente, foi ter com o guarda-portão e lhe ralhou por permitir coisas dessas num prédio de que tinha a responsabilidade da segurança. Depois voltou e começou a descompor Agrafena. Depois voltou ao trabalho e, durante muito tempo ainda, resmungava para os seus botões como tinha acontecido tudo, como ele estava parado aqui e eu ali e, debaixo do nosso nariz, a dois passos de nós, tiraram o *bekes*, etc. Enfim, Astáfi Ivánovitch, embora fosse um homem prático, estava inquieto e desassossegado.

— Levaram-nos bem, Astáfi Ivánovitch! — disse-lhe eu à noite, enquanto lhe servia um copo de chá e, por não ter mais nada que fazer, provocando-o a contar de novo o caso do *bekes* roubado que, de tantas vezes repetido e com tanta sinceridade por parte do contador, começava já a tornar-se muito cómico.

¹ *Bekes* (húngaro) é uma espécie de cafetã curto com gola e forrado de pele. (NT)

— Levaram-nos bem, sim senhor! É um grande desgosto para mim, e faz-me uma raiva que nem sabe, apesar de o *bekes* não ser meu. A meu ver, não há víbora mais nojenta do que um ladrão. Há quem roube aos ricos, mas este rouba o nosso trabalho, o suor que custou e o tempo que levou a fazer... É um nojo! Nem me apetece falar disso, dá-me cá uma raiva! Como é que o senhor não mostra pena pela sua propriedade?

— Sim, tem razão, Astáfi Ivánovitch, vale mais que uma coisa se queime, que desapareça no fogo, do que deixá-la ir para um ladrão, é um desgosto.

— Pois é claro que é um desgosto! Também é verdade que há ladrões e ladrões. A mim, caro senhor, aconteceu uma vez conhecer um ladrão honesto.

— Um ladrão honesto? Como é possível existir um ladrão honesto, Astáfi Ivánovitch?

— Tem toda a razão, meu caro senhor! Como pode um ladrão ser honesto? Isso não existe. Mas eu queria apenas dizer que era um homem honesto que roubou. Tive mesmo muita pena dele.

— Como aconteceu isso, Astáfi Ivánovitch?

— Aconteceu há-de haver uns dois anos. Nessa época eu andei quase um ano sem ter casa, mas, quando ainda a tinha, nos últimos tempos, conheci um homem completamente perdido. Conhecemo-nos por acaso numa casa de pasto. Era um bebedolas e um vagabundo parasita, que tinha sido despedido havia muito de um serviço público qualquer por motivo de bebedeira permanente. Era um homem sem decoro nenhum! A roupa que ele trazia no corpo era uma coisa indescritível! Eu, às vezes, punha-me a pensar: será que ele tem ao menos uma camisa debaixo do capote? Tudo o que arranjava era para desbaratar na bebida. Não era um desordeiro: tinha um feitio calmo, benévolo, era carinhoso e não pedia esmola, tinha vergonha; então, quando via que ele, coitado, precisava de um copo, eu oferecia-lho. Foi assim mesmo que o conheci, ou seja, que ele se afeiçoou a mim... porque, para mim, era indiferente. Chica, que homem! Afeiçoou-se a mim como um cãozinho, o molengão, depois de me ter encontrado pela primeira vez; para onde eu ia, ele ia também! Primeiro, pediu licença para dormir uma noite... e eu, pronto, deixei-o pernoitar lá em casa, até porque vi que o passaporte dele estava em ordem, que não era má pessoa! Ao outro dia voltou a pedir-me que o deixasse dormir lá em casa, no terceiro dia ficou todo o dia sentado no peitoril da janela e, à noite, voltou a ficar para dormir. Irra, pensei, era só o que me faltava: dou-lhe de comer e de beber e, ainda por cima, fica a dormir cá em casa... Também sou pobre, mas ainda tenho de carregar com um

comensal. Antes de mim, ele metia-se em casa de um funcionário, aferrara-se a ele, bebiam juntos, mas o tal funcionário alcoolizou-se e depois morreu por causa de uma desgraça qualquer. Ora, o homem chamava-se Emélia, Emelian Iliitch. Eu pensei, pensei... e não sabia o que fazer com ele. Tinha vergonha de o pôr na rua e também tinha pena dele: o homem era um perdido, e era tão miserável, meu Deus! E estava para ali tão calado e tão submisso, sempre ali sentado, sem pedir nada, a olhar-me nos olhos como um cãozinho. Ou seja, até que ponto a bebida dá cabo de uma pessoa! Então pus-me a pensar como era que havia de lhe dizer: vai-te embora Emeliánuchka, não tens nada que ficar aqui comigo, escolheste a pessoa errada, eu próprio, daqui a pouco, não terei nada para comer, como é que posso manter-te com uma comida que mal dá para mim? E pensei também: o que é que ele fará se eu lhe disser? E imaginei-o na minha cabeça a olhar muito tempo para mim, depois de eu lhe ter dito aquilo, e depois a ficar ali sentado muito tempo, sem perceber nada, e depois, quando percebesse, a levantar-se, a pegar na trouxa de pano vermelho de xadrez, toda rota (parece que estou a ver a trouxa dele), em que guardava sabe Deus o quê, mas que levava para todo o lado, e depois a ajeitar o capote, para ficar mais decente e se agasalhar melhor do frio, e também para que os buracos da roupa dele não ficassem à vista, porque, ao fim e ao cabo, ele era um homem delicado! E imaginei-o depois a abrir a porta e a sair para as escadas, com as lágrimas nos olhos. Pois é, não se pode deixar ao abandono uma pessoa assim tão perdida... e pronto, tive pena dele! Mas depois pensei: e eu, em que situação fico? Espera lá, Emeliánuchka, que não terás muito tempo de festa aqui em minha casa: eu próprio vou sair daqui e já não me encontras. E foi assim, meu caro senhor, saímos de casa. O meu amo Aleksandr Filimónovitch (agora já falecido, que descanse em paz) disse-me: estou muito satisfeito contigo, Astáfi, quando voltarmos todos da aldeia não nos vamos esquecer de ti, damos-te outra vez trabalho cá em casa. É que eu era o mordomo da casa deles... e era um homem bom, o meu patrão, mas morreu nesse mesmo ano. Então, depois de nos despedirmos deles, peguei na minha tralha, peguei também nalgum dinheirinho que tinha de lado, e pensei: agora vou descansar — e fui para casa de uma velhota, aluguei lá um cantinho, e era tudo quanto ela tinha para alugar, um canto de quarto livre. Ela dantes também vivia numa casa qualquer como ama-seca, mas tinha ficado a receber uma pensão e, naquela altura, já estava sozinha. Ora bem, pensei, então adeus, Emeliánuchka, és bom homem mas já não me encontras! E o que é que o senhor acha? À noite voltei para casa (tinha ido visitar um amigo) e a primeira pessoa que vi foi o Emélia,

sentado em cima da minha arca, com a trouxa axadrezada ao lado dele, com o capote vestido, à minha espera... e, como não tinha nada que fazer enquanto esperava, pedira emprestado à velha um livro religioso e estava com ele nas mãos virado ao contrário. Tinha-me encontrado! Olhe, baixei os braços. Pronto, pensei eu, nada a fazer: porque não corri com ele logo no princípio? E perguntei-lhe de caras: Emélia, trouxeste o passaporte?

Então, meu caro senhor, sentei-me e pus-me a reflectir: este homem sem-abrigo vai ser mesmo um fardo pesado para mim? E, depois de pensar, concluí que, afinal, não ia ser um fardo assim tão pesado. De comer, tem, pensei eu: uma fatia de pão pela manhã, com cebola para ser mais saboroso. Ao meio-dia, pão e cebola também; e, ao jantar, cebola e *kvass*, e também pãozinho, se lhe apetecer. Ora, se um dia ou outro nos calhar uma sopa de repolho, então aí ficamos fartos. Eu não como muito, e então um bêbado, como se sabe, não come nada: para o bêbado, o principal é o vinho e a vodca. Ele vai dar cabo de mim com as suas bebedeiras, pensei, mas logo a seguir passou-me pela cabeça mais uma coisa e fiquei mesmo entusiasmado com a ideia. A tal ponto que, pensei, se o Emélia se fosse embora eu até perderia o gosto pela vida... Pronto, tinha resolvido tornar-me pai e benfeitor dele. Hei-de fazer com que ele se desabitue da bebida, hei-de salvá-lo da perdição, pensei cá para mim! Pronto, Emélia, podes ficar, tudo bem, mas a partir de agora tens de obedecer às minhas ordens!

Então, pensei: vou ver se o acostumo a um trabalho qualquer, mas não é para já; primeiro que descanse e, depois, eu lá hei-de ver que capacidades tu tens para um trabalho qualquer, Emélia. Porque nem sempre uma pessoa tem jeito para este ou para aquele trabalho. E comecei a observá-lo à socapa. E vi: és um caso perdido, Emeliánuchka. Comecei então a falar-lhe com bondade: tal e tal, Emelian Iliitch, olha só para ti, vê lá se fazes qualquer coisa por ti. Uma ocasião disse-lhe:

— Deixa de mandriar! Olha para ti, andas um maltrapilho, o teu capote, peço desculpa, dá para fazer uma peneira, isso assim está mal! Parece que já é tempo de acabares com isso!

E o meu Emeliánuchka ali sentado, de cabeça baixa, a ouvir. Só lhe digo, meu caro senhor: ele tinha chegado a um ponto tal, por causa da bebedeira, que até perdera o uso da língua e era incapaz de dizer uma palavra sensata. Eu digo pepinos, ele responde favas. Ouve-me, ouve-me e, por fim, suspira.

— Porque é que suspiras, Emelian Iliitch?

— Por nada, Astáfi Ivánovitch, não se preocupe. Hoje, duas camponias berraram uma com a outra, Astáfi Ivánovitch, na rua, e uma delas tombou sem querer o cesto com oxicocos da outra.

— E depois?

— E depois a outra, para se vingar, derramou de propósito o cesto da outra e, ainda por cima, pisou as bagas.

— E depois, Emelian Iliitch?

— Nada, Astáfi Ivánovitch, falei por falar.

«Nada, fala por falar. Eeh, Emélia, Emeliánuchka, perdeste o teu raciocínio de tanta bebedeira!...»

— E, também, um senhor deixou cair uma nota de banco na Rua Gorokhovaia, não, na Sadóvaia. E um mujique viu e disse: é o meu dia de sorte. Nisto, outro também viu e disse: não, a nota é minha, vi-a primeiro!

— E então, Emelian Iliitch?

— E começaram ali mesmo a bulhar. Chegou o polícia, apanhou a nota e entregou-a ao senhor que a tinha deixado cair, e ainda ameaçou os mujiques de os levar para a esquadra.

— E então, o que é que isso tem? O que há de didáctico nisso, Emeliánuchka?

— Eu não digo nada, Astáfi Ivánovitch. O povo fartava-se de rir, Astáfi Ivánovitch.

— Eeh, Emeliánuchka! O que interessa o povo? Vendeste a tua alminha por uma moeda de cobre. Sabes o que te vou dizer, Emelian Iliitch?

— O que é, Astáfi Ivánovitch?

— Arranja um trabalho, palavra de honra. É a centésima vez que te digo isto: trabalha, tem pena de ti próprio!

— O que é que eu posso arranjar, Astáfi Ivánovitch? Já não sei se posso fazer alguma coisa, e também ninguém me vai dar trabalho.

— Foi por isso mesmo que te expulsaram do serviço, Emélia, seu grande bêbado!

— E hoje também chamaram o copeiro Vlass ao escritório da polícia, Astáfi Ivánovitch.

— E porque foi que o chamaram lá, Emeliánuchka?

— Não sei porque é que foi, Astáfi Ivánovitch, só sei que foi preciso e que, portanto, o mandaram comparecer lá.

«Eeh — pensei cá para comigo —, estamos ambos perdidos, Emeliánuchka! É o castigo de Deus pelos nossos pecados!» O que se pode fazer com um homem assim, meu caro senhor?

Só que o homem era manhoso, e bem manhoso! Ouvia-me, ouvia, mas depois, pelos vistos, fartava-se de me ouvir; e, mal se dava conta de que eu estava zangado, pegava no capote e fugia, o malandro, desaparecia-me da vista! Depois andava todo o dia a vadiar e voltava à noite, bêbado.